

O MATERIAL DIDÁTICO DE ELE/PLE: DISCUTINDO PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS

DIDACT MATERIAL OF SLF/PLF: DISCUSSING PREJUDICE AND STEREOTYPES

EL MATERIAL DIDACTICO DE ELE/PLE: DISCUTINDO PREJUICIOS Y ESTEREOTIPOS

Camila do Amaral Lavorenti¹

Mariana Cortez²

Resumo: Aprender uma nova língua significa descobrir um diferente mundo, pois uma nova cultura é transmitida neste processo. Com este trabalho analisamos possíveis preconceitos e estereótipos registrados nos livros de LPE/ELE, analisando suas imagens e questionar criticamente como estes materiais didáticos apresentam-se ao mundo, pois tendem a ser a “porta de entrada” dos países a diferentes pessoas de diversas nacionalidades. Elegemos os livros “FLE”, de Lima e Lunes e “Síntesis”, de Martin. Nosso referencial teórico circula por Mendonça (2014) por refletir a formação de professores latinos, Amossy (2003) sua análise de estereótipos e, Leffa (2014) com discussões sobre ensino de línguas.

Palavras-chave: Ensino de línguas. Material didático. Preconceitos e estereótipos.

Abstract: Learn a new language means to discover a different world, because a new culture is diffused through this process. This work analyze the possibility of prejudices and stereotypes in the textbooks, analyzing their images and questioning how those didactical books show themselves to the world, because as usually, they are an “front door” of these countries to different people. We choose the books “FLE”, by Lima and “Síntesis”, by Martin. Our theoretical reference are based on Medonça (2014), with a reflection on the formation of Latin teachers, Amossy (2003) with your analysis of stereotypes and, Leffa (2014) discussing teaching languages.

Keywords: Foreign language treating. Textbooks. Prejudices and stereotypes.

Resumen: Aprender una nueva lengua significa descubrir un mundo distinto, pues una nueva cultura se transmite en este proceso. Este trabajo analiza posibles preconceptos y estereotipos registrados en libros de LPE / ELE, verificando sus imágenes y mirando críticamente cómo estos materiales didácticos presentanse al mundo, pues son "puerta de entrada" de los países, personas de distintas nacionalidades. Elegimos los libros "FLE", de Lima e Lunes y "Síntesis", de Martin. Nuestro referencial teórico pasa por Mendonça (2014) por reflejar la formación de profesores latinos, Amossy (2003) su análisis de estereotipos y, Leffa (2014) con discusiones sobre enseñanza de lenguas.

Palabras-clave: Enseñanza de lenguas. Material Didactico. Prejuicios e estereotipos.

Envio 03/02/2018

Revisão 02/03/2018

Aceite 09/04/2018

1 Discente. UNILA. E-mail: cda.lavorenti.2016@aluno.unila.edu.br

2 Docente. UNILA. E-mail: mariana.cortez@unila.edu.br

Introdução

Localizado em um contexto de globalização, fronteiras superadas, trânsito de informações e culturas, o ensino de línguas estrangeiras desempenha uma função de transmissão e recepção de ideias, costumes, soluções e hábitos de determinada comunidade ou nação. Neste trabalho, procuramos estudar a forma como os livros didáticos de Espanhol e Português como línguas estrangeiras (*Síntesis*, Martin (2010) e *Falar... Ler... Escreve*, Lima (2000), respectivamente) apresentam-se ao público de estudantes estrangeiros e como eles funcionam como uma “porta de entrada” a uma nova cultura. Nossa pergunta fundamental foi: quais são os valores e costumes sociais veiculados por estes materiais?

Estabelecemos como foco de análise as questões de sexo/gênero, classe e raça/etnia e, assim, procuramos problematizar as representações apresentadas nos livros. A primeira etapa do trabalho foi o estudo teórico-bibliográfico sobre os seguintes temas: educação, ensino de língua estrangeira, políticas identitárias, cultura, divisão de classes, colonialismo, etc. Como essa investigação tinha por objetivo entender a língua e suas funções, direcionando particularmente o debate para “minorias políticas”, optamos por trabalhar a língua em duas perspectivas: a que transmite cultura e a que exerce poder. Analisamos então, a maneira como livros didáticos se apresentaram e qual papel das representações construídas pelos materiais divulgados no contexto latino-americano.

Posteriormente ao estudo bibliográfico, realizamos a análise qualitativa das imagens/ilustrações dos livros a partir dos gêneros discursivos: tirinhas, charges, fotografias e ilustrações. As imagens tornaram-se o foco principal do estudo, porque simulam situações cotidianas e destacadas, já que sua comunicação é imediata, pois utilizam cores, espaço privilegiado na página e humor. Por meio da seleção das imagens, separamos todas elas por categorias previamente estabelecidas, e procedemos a análise sobre como os livros trabalharam a representações das questões de gênero/sexo, etnia/raça e classe social, colocando em debate a questão, a visibilidade e o preconceito.

Com a pesquisa voltando-se para a análise das funções da linguagem e suas formas de representação foi necessário um estudo sobre linguagem e poder. Maurizio Gnerre (1994) aborda esta questão e seus estudos foram fundamentais à investigação também as ideias de

Bourdieu (1989) em sua reflexão sobre a violência simbólica – aquela que passa despercebida alicerçaram nossas discussões. Além disso, orientamos nosso olhar crítico por meio das questões de identidade e discurso propostas por Hall (2006). Tornou-se, então, indispensável a reflexão sobre as minorias políticas e, por isso, buscamos compreender como as categorias gênero, classe e raça se compreendem e são representadas. Ademais, os conceitos de Sardenberg (2011) sobre gênero e violência de gênero geraram uma interessante reflexão para a fundamentação das análises, assim como Hall (2003) com sua perspectiva sobre cultura, pertencimento e representatividade.

Para estimular o questionamento sobre preconceitos e estereótipos, os conceitos de Ruth Amossy e Anne Herschberg (2001) auxiliaram no desenvolvimento crítico dos estudos sobre a naturalização e cristalização de preconceitos. Mendonça (2014) traz, uma discussão que orienta e localiza os professores latino-americanos, juntamente com todas as questões políticas e históricas que associadas à nós, os estigmas que carregamos. E, por fim, Leffa e Irala (2014) norteiam-nos no que se refere à criação de materiais didáticos e ensino de Língua Adicional.

Referencial Teórico

Optamos por referenciais teóricos que pudessem nos orientar como educadores latino-americanos e caribenhos. Procuramos entender em qual contexto estamos inseridos, como somos apresentados ao mundo por nossos materiais didáticos. Para este caso em particular, procuramos compreender conceitos como decolonialidade e a invisibilização no ensino de Língua Adicional (LA).

Optamos pela denominação LA ao invés de Língua Estrangeira (LE), pois consideramos mais adequado em nosso contexto por diversos motivos. Primeiramente, porque entendemos que não existe uma língua “estrangeira” na América Latina. Segundo, porque uma definição geográfica-espacial não faria sentido em diversos contextos: como o de fronteira, por exemplo. Terceiro, porque consideramos adequado pensar que se trata de uma língua que está sendo somada, agregada, enfim, adicionada, permitindo construir uma percepção de mundo maior para o estudante. Sobre isso, Leffa e Irala argumentam:

O uso do termo “adicional” traz vantagens porque não há necessidade de se discriminar o contexto geográfico (língua do país vizinho, língua franca ou internacional) ou mesmo as características individuais do aluno (segunda ou terceira língua). Nem mesmo os objetivos para os quais o aluno estuda a língua

precisam ser considerados nessa instância, se deseja conhecê-la para viajar, jogar, cantar ou obter um emprego melhor, como é o caso do termo “para fins específicos”, muito comumente associado ao ensino de línguas. A proposta então é que se adote um conceito maior, mais abrangente, e possivelmente mais adequado: o de “língua adicional” (Leffa; Irala, 2014, p. 32).

Compreendendo então a questão do “não estrangeirismo” dentro da América Latina e suas línguas de origem ibérica ou nativa, pensamos sobre decolonialidade e colonialidade, assunto pertinente e comum a todos os países dominados por Espanha e Portugal. Sobre este tema, Assis discorre:

Na perspectiva da decolonialidade, as antigas hierarquias coloniais, que foram agrupadas na relação europeu *versus* não europeu, continuaram arraigadas e enredadas na divisão internacional do trabalho e na acumulação do capital à escala global. O mesmo poderia ser dito do estabelecimento de relações sociais cujo modo operativo favorece tanto a constituição quanto a perpetuação da existência de sujeitos subalternizados nas esferas intra e interestatais (Assis, 2013, p. 614).

164

Assim, procuramos pensar nestas estruturas de poder que se manifestam em nossa sociedade moderna, que são reforçadas e naturalizadas em nosso cotidiano em nossas falas, atos, reproduções artístico-culturais e intelectual-científicas. Logo, percebemos a necessidade do estudo sobre estereótipos, clichês e preconceitos – como se originam, se constroem e se sustentam. Estes são reproduzidos pela linguagem e língua. Sobre isso, Amossy cita a dissertação de Fisher:

Maneras de pensar mediante clichés, que designan las categorías descriptivas simplificadas basadas en creencias y en imágenes reductoras, por medio de las cuales calificamos a las demás personas o a otros grupos sociales, sujetos a prejuicios (Amossy apud Fisher, 1996, p.133).

Assim sendo, Zolin-Vesz (2014) traz, através das definições de Barcelos e Kalaja (2010), uma complementação desta ideia, especificando crenças “*relacionadas aos discursos e contextos micro e macropolíticos*: são produtos histórico-sociais e políticos, conectados com os contextos sociopolíticos mais amplos” (Zolin-Vesz, 2014, p. 45). Para além do preconceito e invisibilização de nossos costumes, variantes linguísticas, origem e aspectos culturais, também procuramos realizar um levantamento de pautas propostas por minorias políticas e tentamos

compreender a necessidade de realizar estes apontamentos em nossos materiais didáticos. Para tanto, Sanderberg nos introduz ao conceito de “violência de gênero”, baseada no conceito de violência simbólica de Bordieu (1989):

Por “violência de gênero”, refiro-me a toda e qualquer forma de agressão ou constrangimento físico, moral, psicológico, emocional, institucional, cultural ou patrimonial, que tenha por base a organização social dos sexo/gêneros e que seja impetrada contra determinados indivíduos, explícita ou implicitamente, devido à sua condição de sexo/gênero ou orientação sexual. (Sanderberg, 2011, p. 1)

A mesma lógica proposta por Sardenberg se aplicou para análise de classe social e raça/etnia, analisando esta estrutura sistemática por trás das opressões. Sobre raça/etnia Quijano (2005) aponta:

A ideia de raça [...] não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência as supostas estruturas biológicas diferenciais entre estes grupos. (Quijano, 2005, p. 117)

165

Apontamos estas relações e seu funcionamento, em que identificamos a existência de uma hierarquização na sociedade que diferencia, separa, segrega e silencia diferentes indivíduos apenas pela condição de ser aquilo que são. Entendemos, portanto, que esta sociedade realiza “divisões de classes”, criando subdivisões entre seus membros, gerando neste processo desigualdades e injustiças de base político-social. Seria interessante que esta realidade fosse abordada em sala de aula, para que estudantes compreendessem amplamente o contexto de nossa cultura, língua e povo, além de seus traços, características e necessidades específicas. Sobre o papel do professor neste quadro de ensino de línguas e realidades sociais, Lima e Cortez (2014) apontam:

Como professoras, acreditamos que é preciso ressoar nos processos de formação de professores o aspecto intercultural. No caso particular de nossos países, é fundamental que o conceito de interculturalidade e a perspectiva de integração regional sejam tratados, já que a língua, como manifestação cultural, permite a primeira aproximação ao outro e ajuda a pensar e conviver com as diferenças (2014, p. 112).

Para além, insistimos na questão específica da América Latina para a educação intercultural, pois se trata de um local, em que tivemos trocas e transformações culturais decisivas para nossa identidade, sempre considerando a questão dos povos originários, africanos e europeus que aqui se encontraram. Ao refletir esta realidade no ensino de LA, Cortez e Ocaranza (2015) indicam:

A través del diálogo, la educación intercultural se establecería cuando el profesor ayuda al estudiante a descubrirse a sí mismo. Solo entonces, este podrá ponerse en el lugar del otro y comprender sus reacciones, desarrollando empatías, evitando los prejuicios y la intolerancia. (Cortez; Ocaranza, 2017 p. 6)

Análise de Dados

Buscamos com este trabalho analisar a maneira como os livros trabalham com as imagens, a fim de encontrar possíveis problemáticas na escolha destas. *Sínteses* é um livro mais atual, já o livro *Falar, Ler, Escrever Português* (FLE) é um livro revisado, porém com poucas alterações.

FLE, das autoras Emma Eberlein Lima e Samira Iunes, é um dos livros mais utilizados no ensino de português brasileiro para estrangeiros. Assim como o apontado por Ricardo Gualda “um aspecto importante desse livro é que não é direcionado para nenhum mercado ou público específico (estudantes universitários, por exemplo). Seu destino é um uso geral para o ensino de português brasileiro para estrangeiros” (GUALDA, 2009, p. 7), abordando, portanto, diversas temáticas do cotidiano como trabalho, receitas, relacionamentos, entre outros.

Curiosamente, o livro FLE possui poucas charges de autores brasileiros, sendo em sua maioria quadrinhos e desenhos desenvolvidos exclusivamente para o livro. Embora possua fotografias e outros tipos de imagens, optamos por direcionar a análise deste livro a estes desenhos em particular pois acreditamos que esses refletem de uma maneira mais concreta o posicionamento assumido por ele – já que, em sua maior parte, aparentam “neutralidade”.

Sobre gênero, o livro FLE apresenta diversas imagens sobre mulheres e suas relações sociais. Mulheres são retratadas no livro, majoritariamente, como esposas, mães, donas de casa, empregadas e quando retratadas como trabalhadoras sempre desempenham cargos de

atendimento, secretárias, vendedoras. Diferentemente, homens são retratados como famosos, chefes, diretores de empresa. Esta representação não propõe um equilíbrio ou equidade de gênero e abre questionamento sobre a forma que o livro apresenta o Brasil quanto à visão e tratamento às mulheres. Está aqui apresentada a necessidade de reflexão sobre a questão de opressão de gênero por existir um desfavorecimento histórico, social-político à mulher.

Em cinco imagens, mulheres são apresentadas em cargos inferiores – demonstrando assim ligação com a questão de classe. Diferentemente dos cargos atribuídos aos homens, mulheres aparecem em sua maioria como vendedoras, secretárias, empregadas domésticas, entre outros. Em alguns casos, são tratadas como menos capazes, como por exemplo, na página 71 onde uma mulher aparenta estar na sua casa e assume não possuir a chave para abrir a porta.

Em outras nove imagens, mulheres são retratadas dependente de homens, seja essa dependência financeira ou emocional, uma vez que diversas imagens atribuem às mulheres – majoritariamente, apenas a elas – situações de tristeza por término de relacionamentos ou da não superação destes, ciúme, reforço da importância do casamento na vida da mulher, ingenuidade, entre outros. Segue análise de imagens:

167



Fonte: livro FLE, fotografia autoral.

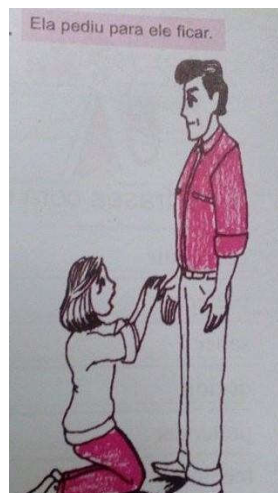
Então, sobre esta imagem vemos um diálogo entre um casal e o acidente que leva seu carro à oficina mecânica. O quadrinho transmite a ideia que mulheres não dirigem bem unicamente por serem mulheres, deixando explícita que a suposta “falta de capacidade” está relacionada com o gênero da personagem.



Fonte: livro FLE, fotografia autoral.

Nesta outra imagem, vemos uma mulher cozinhando com a legenda “ele quer uma esposa que saiba cozinhar bem”, trabalhando a ideia de que esta é uma das funções da mulher/esposa, não atribuindo esta função a outro membro da família/casa.

168



Fonte: livro FLE, fotografia autoral.

Aqui vemos a imagem de uma mulher ajoelhada aos pés de um homem com a legenda “ela pediu para ele ficar”, imagem afirmando a antiga concepção de fragilidade feminina, necessidade e dependência de um relacionamento ou da figura masculina na vida da mulher.



Fonte: livro FLE, fotografia autoral.

Neste último quadrinho analisado, vemos uma mulher perguntando quem irá ajudá-la a organizar a cozinha. Aqui podemos refletir sobre o motivo de ela pedir *ajuda*, propondo a ideia que muito provavelmente apenas ela realiza os serviços domésticos de limpeza e organização, uma vez que é a esposa/dona de casa, não colocando em pauta que outros membros da família tenham participação no ato de desorganizar e sujar a casa e ter tanta responsabilidade quanto sobre esta tarefa.

Portando, consideramos que as mulheres são retratadas de maneira estereotipada, muitas vezes até pejorativa em diversos momentos pelo livro, seja pela suposta incompetência para um cargo de maior prestígio, de dirigir um carro ou por associá-las como esposas, com papéis e funções bastante definidos, completamente cristalizados.

Interligada com a discussão de gênero, a questão de classe social também é tratada de maneira preconceituosa, já que sempre se evidencia uma hierarquização baseada na divisão de classes. O livro também trabalha com diversas situações nas quais podemos observar um possível elitismo: desde chefes tratando funcionários com demasiada autoridade e grosseria até o fato de o livro apresentar muitas famílias com prestadores de serviços como empregadas,

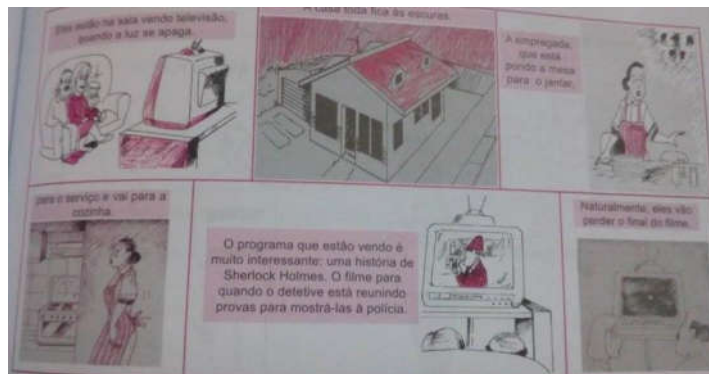
jardineiros, motoristas. Esta é uma visão que não contempla a realidade da maioria das famílias brasileiras, uma vez que impreterivelmente pertenceriam a uma classe social de maior poder aquisitivo, enquanto compreendemos a realidade de desigualdade social que o Brasil apresenta.

Encontramos dezenove imagens que apresentam problemas em relação aos valores veiculados. Em doze destas imagens vemos a ideia de um estilo de vida de classe privilegiada – frequentando restaurantes e estabelecimentos caros, em viagens, planejamento de compra ou reforma de casa, consumindo comidas e bebidas caras, ou então, recebendo maior atenção e melhor trato por pertencer a essa classe social.



Fonte: livro FLE, fotografia autoral.

Nesta imagem, por exemplo, vemos um chefe apontando para seu funcionário sobre seu atraso, enquanto não existem problemas que ele próprio chegue atrasado. Ele não sofrerá nenhuma advertência por não chegar no horário, explicitando uma relação hierárquica de poder, além de naturalizá-la.



Fonte: livro FLE, fotografia autoral.

Aqui vemos a descrição de uma situação numa casa familiar brasileira: os quadrinhos nos mostram uma família assistindo a um filme quando de repente falta energia elétrica. Primeiramente, nos deparamos com o estereótipo de família tradicional – pai, mãe e filho – que possui uma empregada doméstica (mulher) que está servindo a mesa do jantar. Aqui refletimos sobre a família ser de classe média, como na maioria das imagens encontradas no livro, e também sobre o fato de a jornada de trabalho desta funcionária – uma vez que está servindo o jantar aos patrões ao invés de estar preparando sua própria refeição. Pode-se refletir acerca da recepção destes valores por outra cultura, talvez com relações diferentes das apresentadas.

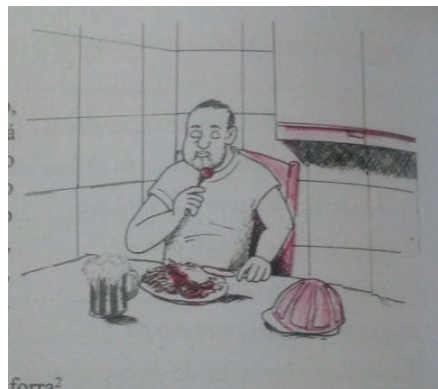
171



Fonte: livro FLE, fotografia autoral.

Nesta história vemos um homem contando coisas que fez e os presentes que deu a uma mulher para que ela ficasse com ele. A questão é que ele deixa claro que a levou aos melhores

restaurantes, deu-lhe presentes caros, planejou um cruzeiro – todas atividades que demandam alto poder aquisitivo. Refletimos também sobre a questão implícita de que se tratava de uma mulher provavelmente interessada apenas nestas questões materiais, reforçando o estereótipo de mulher interesseira, que só que importa com o que é “vantajoso” para ela.



Fonte: livro FLE, fotografias autorais.



172

Por último, analisaremos estas duas imagens de um trabalhador. O texto que as acompanha possui o título de “A forra do peão” e o descreve como um baiano que migrou para São Paulo, reforçando o estereótipo de trabalhador nordestino na capital paulista. Porém, a personagem não conseguiu conquistar muitas coisas na sua ida até a metrópole e então decide se vingar invadindo um restaurante que nunca teve condição de frequentar e como consequência é preso no final da narrativa. Todo o texto possui um ar cômico, ridicularizando a situação.

Há pouquíssimas imagens de pessoas que não sejam brancas no livro. Fotografia ou quadrinhos, as pessoas apresentam-se em sua maioria brancas. No caso dos quadrinhos a análise de questões étnico-raciais se torna difícil, por serem desenhos. Nas fotografias, no total de três, em apenas uma delas um homem negro é apresentado como cientista. Nas outras encontramos o Pelé – indivíduo brasileiro que foi completamente estereotipado: o negro brasileiro jogador de futebol, e um homem em vestimentas típicas do carnaval televisionado do Rio de Janeiro – outro estereótipo marcante, apesar da inegável cultura do samba, não é o único a se mostrar e ser discutido.

Os indígenas são, da mesma maneira, sucintamente citados pelo livro. Há a citação de histórias indígenas – sobre a vitória-régia e a criação da noite. Porém as histórias parecem ser tratadas apenas como imaginário folclórico e cultural e não como lendas advindas de uma cultura rica com valores e ensinamentos a serem transmitidos. Há também um texto que reflexiona sobre o destino dos indígenas no Brasil e comentam sobre sua constante perseguição. Apesar do tom sério e problemático que o texto direciona a este tema, a leitura parece ser meramente informativa, não tratada da maneira crítica que o assunto requer.

Logo, apesar do livro não assumir nenhum posicionamento político ainda assim trabalha com ideias que estão cristalizadas, naturalizadas sobre papéis sociais, reforçando muitas vezes um conceito que não corresponde necessariamente à realidade do brasileiro, seja pela posição socioeconômica, seja por não contemplar outros modelos de organização familiar, por não contemplar todas as raças/etnias de nosso país, ou então por afirmar um tratamento que determinado gênero deve receber, ou ações que este deve adotar em nossa sociedade.

Em oposição, o livro *Síntesis* (SI) é um lançamento mais atual, como comentado no início deste tópico, sendo o exemplar analisado da primeira edição (2010), publicado pela editora Ática. Não procuramos estabelecer uma hierarquia entre os materiais, mas faz-se necessário apontar os traços de diferença temporal entre os lançamentos: este livro se apresenta um pouco mais flexível e inclusivo quando refletimos sobre qualquer tipo de representatividade de minorias políticas, seja de raça, classe ou gênero – porém reforçamos que esta é uma marca muito provavelmente provocada em reflexo dos destaques atuais aos discursos destas minorias, que permitiu espaço em âmbitos como mídias, política, propagandas e também nos materiais didáticos, sejam estes de LA ou não.

As fotografias e charges são mais diversas neste material. No caso das charges, foram recolhidas de diversos artistas diferentes, praticamente não possuindo uma produção própria de imagens e quadrinhos especialmente elaborada ao livro, como em FLE. Esta é uma marca importante, uma vez que expressa maior diversidade cultural existente no continente, facilitando a análise e tornando-a mais variada. São onze imagens e quadrinhos que foram selecionados e analisados.

Nesta categoria o livro segue a mesma lógica descrita acima, mulheres são apresentadas em diversos cargos diferentes, como professoras, camareiras, executivas. Não encontramos



Fonte: livro Síntesis, fotografia autoral

Já nesta imagem o questionamento reforça e valoriza a imagem e a aparência da mulher. Claro que a imagem se faz em tom irônico quando a personagem afirma que adoraria aparentar setenta anos de novo. Pensamos que a pressão estética sobre a mulher não é problematizada, pois quase sempre é representada como vaidosa e desejando aparentar juventude – não importando sua idade, por vezes sobressaindo à importância da valorização de seu corpo e as marcas de experiência e sabedoria que este carrega, que não deveriam ser mascaradas ou disfarçadas, mas sim assumidas.

175



Fonte: livro Síntesis, fotografia autoral

Nesta imagem, encontramos um estereótipo sutil, que pode passar despercebido tamanha sua naturalização: a maioria das personagens que estão no supermercado fazendo compras são mulheres, podemos pensar que seria esta uma função fundamentalmente feminina,

uma vez que está relacionada aos cuidados com a casa. Aqui fica subentendido que estas mulheres possuem esta competência, talvez não trabalhando e assumindo-se como donas de casa.



Fonte: livro Síntesis, fotografia autoral

Neste quadrinho aparece a ideia de uma criança sobre como as mães deveriam realizar determinadas tarefas, como a de fazer merendas ou contar contos, mas que no final ele descobriu uma cruel realidade: que todas as mães vêm com um modelo básico, mas que outras características são opcionais. Aqui cabe um questionamento profundo: primeiramente, a responsabilidades deveriam ser repartidas igualmente entre um casal, o que não ocorre por muitas vezes, não deixando a questão do “opcional” ao alcance da mulher, uma vez em que a responsabilidade recai sobre a mãe. Segundo, nem todas as crianças são expostas a uma criação onde que podem contar com a estrutura familiar de pai e mãe.

176



Fonte: livro Síntesis, fotografia autoral

Nesta imagem, encontramos uma forma interessante de expor a questão dos papéis de gênero em uma atividade. Ao ser questionada sobre a presença do “chefe da família”, Mafalda responde ao vendedor que não existem hierarquias em sua casa, uma vez que funcionam como uma cooperativa – espaço onde todos se ajudam, sem possuir posições “acima” ou “abaixo”, todos são importantes!

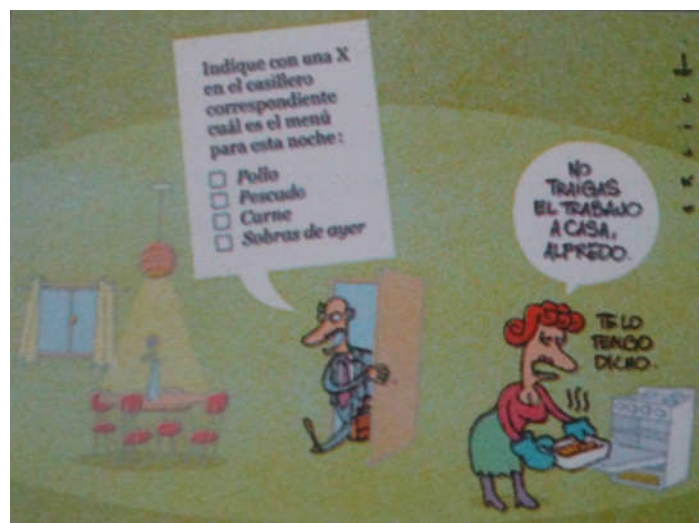
Sobre classe o livro não se demonstra muito inclusivo. As discussões parecem sucintas e rasas, não aprofundando o real problema de desigualdade social desencadeado pela globalização e modernidade, advindas do processo colonizador do cone sul e caribenho. Encontramos 15 imagens que se demonstraram plausíveis tal reflexão. Segue a análise de algumas delas e outras que consideramos interessantes a serem trabalhadas:



Fonte: livro Síntesis, fotografia autoral

Neste quadrinho dois senhores dialogam em uma entrevista de emprego. O entrevistador faz perguntas e o entrevistado as responde corretamente, porém de maneira aleatória. No penúltimo quadrinho o entrevistador conclui que ele está apto ao trabalho e o coloca no balcão

de informações do que parece um prédio de algum órgão público. Aqui o questionamento recai sobre a figura que “só passa informações erradas”, associando o mau funcionamento de um setor a um único indivíduo: no caso o “menor” trabalho possível na escala hierárquica. Assim é possível afirmar que existe uma crítica pertinente ao funcionamento dos serviços públicos, porém a ideia tratada é que o trabalhador não é capaz, desconsiderando a crítica ao sistema que se impõe sobre cidadãos e trabalhadores.



Fonte: livro Síntesis, fotografia autoral

Já nesta imagem um homem chega em casa perguntando à sua mulher qual será o jantar, porém o faz como uma questão de múltipla escolha. A esposa rebate para que ele não traga o trabalho para casa, fazendo referência à forma da pergunta. Aqui podemos pensar: os trabalhadores vivem em um ritmo tão intenso que realmente acabam por absorver a maneira de ser deste ambiente e o aplicam em suas relações sociais mais diversas. Porém, aqui se abre o questionamento se essa prática é saudável para o indivíduo e seu círculo social, uma vez que acaba por se identificar um modelo, em que ele, fatalmente, exercerá e sofrerá com esta estrutura de poder. Aqui cabe um adendo também sobre papéis sociais entre homens e mulheres: o provedor e a cuidadora.



Fonte: livro Síntesis, fotografia autoral

Esta fotografia foi selecionada pelo contexto proposto por um exercício do livro: preencher lacunas em frases em relação à moradia. A grande questão é que a imagem está acompanhada de uma frase onde o morador desta moradia precária reforça que, apesar dos problemas de infraestrutura, não gostaria de deixar de morar ali porque os vizinhos são solidários. Aqui podemos apontar a romantização da situação: moradores de favelas são privados de inúmeros direitos básicos como moradia digna, saneamento básico e vivem num nível de pobreza que, certamente, não é o ideal de vida que as pessoas buscam. Compreendemos a questão, e estereótipo, de pessoas de classe baixa serem mais solidárias entre si, mas isso não significa que não anseiam por um lugar melhor para se viver.

179



Fonte: livro Síntesis, fotografia autoral

Aqui, Mafalda discorre com seu colega Manolito sobre o valor da vida e do dinheiro. Consideramos a crítica interessante a se discutir, por trazer uma reflexão mais profunda entre os estudantes que poderiam realizar uma interação e intercambio intercultural mais críticos, expondo suas diversas realidades de mundo.



Fonte: livro Síntesis, fotografia autoral

Encontramos também uma fotografia de uma personagem muito conhecida: Chaves. Chegou até boa parte das televisões latino-americanas, apresentando-se como uma provável imagem comum para muitos estudantes. Em seus episódios sempre levantou discussões e “lições morais” de cunho político e social, mostrando de forma real e crítica a situação socioeconômica latina. Acreditamos ser uma personagem que levantaria discussões interessantes, para além da questão do sotaque e variantes linguísticas.

Em relação à última categoria a ser trabalhada: raça/etnia, o livro SI se mostra diverso e interessante. Há textos com referências à ancestralidade africana e originária, por meio de textos literários como poesias, pequenos artigos, contos e lendas, entre outros. Esse aspecto se faz interessante, pois demonstra uma visão mais inclusiva, que reconhece mediante processos

pós-escravidão de indígenas e negros. Um apontamento interessante é a maneira diversa como pessoas brancas e não brancas são apresentadas: não há diferenciação entre cargos, “status social”, profissão, ou qualquer outro aspecto de nossa sociedade moderna.

Há um texto interessante, em que é citada a história de Rigoberta Menchú e o processo de racismo que nativos passaram durante a colonização e como esta realidade se reflete até os dias de hoje. Esta discussão é importante para uma educação que realmente se preocupe com a questão da inclusão e debate crítico em sala de aula de LA.

Portanto, consideramos que o livro, apesar de se demonstrar mais inclusivo, ainda possui algumas reproduções de estereótipos que podem realmente ser questionados perante uma educação que pede por inclusão, como a do ensino de espanhol como LA no Brasil – que já é um recorte bastante específico, pois é comum a constatação de que os brasileiros não se reconhecem como latinos. Aqui a ideia de Zolin-Vesz é reforçada “ensinar é mais do que transmitir informação. Ensinar uma língua significa reconhecer os processos políticos-ideológicos inerentes à constituição de toda língua” (ZOLIN-VESZ, 2014, p. 51)³.

181

Considerações Finais

Podemos perceber que os livros, por mais que tenham a intenção de gerar o efeito de sentido de neutralidade, ainda reproduzem algumas ideias cristalizadas que podem apresentar-se como problemáticas em uma dinâmica educacional, por não contemplarem diversas realidades, deixando sob a responsabilidade do professor-pesquisador utilizar, ou não, exercícios propostos pelos materiais didáticos.

Ponderamos, portanto, que o ensino de LA ainda requer muitos questionamentos e modificações no que tange à produção de materiais didáticos utilizados para o ensino de português brasileiro e espanhol latino-americano/caribenho, livros norteadores utilizados por professores em sala de aula, demandando responsabilidade, uma vez que não é apenas a língua

3 Tivemos acesso ao material completo, com livro e CD. Consideramos que os exercícios de compreensão oral seguem um padrão estrutural e apresenta poucas variantes linguísticas, prevalecendo o espanhol da Espanha. Consideramos também o exemplo de exercícios que abordem temáticas diferentes, como o da Oratura – histórias culturais nativas, que foram repassadas através fala. Julgamos interessante trabalhar esta ideia em um material didático por conta da imersão linguística e cultural que esta opção oferece.

em sentido estrito que será transmitida neste processo, mas sim toda uma visão e compreensão de mundo.

Entendemos também que este é um processo natural de adaptações, questionamentos, críticas que chegam com passar do tempo e da evolução de discussões políticas que estão não apenas em nossa realidade individual, mas em todo um contexto de caráter continental e, porque não, global.

Referências

- ADICHE, C. **Sejamos todos feministas**. São Paulo. Editora: Companhia das Letras, 2012.
- AMOSSY, R.; HERSCHBERG, A. **Estereótipos y clichés**. Buenos Aires. Editora: Eudeba. 2003.
- ASSIS, W. **Do Colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo**. PDF.
- BAGNO, M. **O que é ensinar português? Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo. Editora: Loyola, 2011.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.
- CIRIZA, A. **Corpo e política: sobre “cidadanias globais” e “sujeitos nômades”**. *Teoria Política Latino-Americana*. São Paulo. Editora: Hucitec, 2009.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo. Editora Martins Fontes. 3ª edição. 1994.
- GONZÁLES, S. **Beleza Americana. Os Desafios das democracias do Sul**. *Teoria Política Latino-Americana*. São Paulo. Editora: Hucitec, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 11ª edição. 2006.
- LEFFA, V; IRALA, V. **O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas**. *Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil*. Pelotas: Educat, 2014.
- _____. **Metodologia no ensino de línguas**. *Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil*. Pelotas: Educat, 2014.
- _____. **Identidade e aprendizagem de línguas**. *A Formação de Professores de Línguas- Novos Olhares*. São Paulo: Pontes, 2012.
- _____. **Passando a limpo o ensino de línguas: novas demandas, velhos problemas**. *Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil*. Pelotas: Educat, 2014.
- LIMA, E. **Ler, falar, escrever... Português**. EPU, 1ª edição. 2000.

MARTIN, I. **Síntesis: curso de lengua española**. São Paulo. Editora Ática, 1ª edição, 2010.

MENDONÇA, L. **A (In)Visibilidade da América Latina na Formação do Professor de Espanhol**. Campinas. Editora: Pontes. Vol. 34. 2014.

PERINI, M. **Gramática descritiva do português**. São Paulo. Editora: Ática, 2007.

QUIJANO, A. **Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires. CLACSO, 2005.

SARDENBERG, C. **Feminismos, feministas e movimentos sociais**. São Paulo, 1994.

_____. **A violência simbólica de gênero e a lei “antibaixaria” na Bahia**. Observe, NEIM/UFBA, 2011.

_____. **Relações de gênero: uma breve introdução ao tema**. Salvador. NEIM/UFBA, 2011.